

ALICE VIEIRA

Entrevistada por Maria Augusta Silva

NOVEMBRO 1993

Fomos redescobrir a cidade do Tejo com Alice Vieira, no momento em que surge nas bancas o seu novo trabalho: «Esta Lisboa». Um álbum notável, onde a escritora anda de mãos dadas à jornalista que Alice Vieira é por excelência.

Ilustram-no fotografias de António Pedro Ferreira, de inquestionável qualidade. Capital de sortilégios e sonhos mil. Qual teria sido o seu nome primitivo, não importa. Lisboa fica-lhe bem.

Portão que nos apareça à frente a proteger uma ruela, empurra-se, porque lá dentro há um outro mundo, com certeza. Gente que não se arredou. Lisboa das mil vilas, aldeias, pátios e quintalinhos, de que mal suspeitamos na pressa de todos os dias. Lisboa que os circuitos turísticos ignoram.

«Paramos aqui. Olha o 111, Vila da Luz!». Em plena Rua Pascoal de Melo, na Estefânia. Os putos jogam à bola, vivaços e descontraídos. Os carros giram por lá, mas do lado de fora do portão que os resguarda de atropelos. Telmo e Nuno não querem outro sítio. «Esta é a vila mais bonita de Lisboa», atira-nos aos ouvidos a voz briosa de Isilda, a ecoar nas paredes de ocre, vestidas de flores na correnteza das varandas de ferro. Quantos inquilinos? «Trinta e seis e as famílias», explica Maria do Carmo Nunes, há 62 anos enraizada ali.

A câmara está a recuperar muitos destes pátios, assumidos como «património da cidade». Que tal um pulinho à Vila Mendonça? Toca a andar. É o 46. As pedras já conhecem os passos de Alice. Espreita-nos uma galinha em cima de um carro. Estendais cheios de mantas de inverno. Diálogos de varanda para varanda. O pequeno Filipe abraça o galo preso por um cordel. Muito tijolo nas orlas. Sinais das fábricas que deram alma à industrialização. Chaminés altas.

«A Eunice Muñoz rodou aqui a *Banqueira do Povo*. Uma menina da novela trocou o nome a tudo, julgou que estava na Ajuda e deu-me ganas de lhe apertar o pescoço», comenta Alice Vieira, no escrúpulo pela verdade e não por animosidade para com outras freguesias. «Em todos os bairros, desde a Ajuda aos confins de Lisboa, há vilas assim, mas o seu a seu dono.»

Chegadas à Travessa Rebelo da Silva, eis a Vila Paulo, com o 11 na arcada. Tudo a ser recriado: «As obras são chatas, sem elas, no entanto, nada feito.» Ao fundo, uma latada. Habitação nas águas-furtadas. Oficinas no rés-do-chão: estofadores, marceneiros, empalhadores. Escadas interiores de madeira branca, estreitas, impecavelmente limpas. Muito azul e branco nas pinturas. Muitas falas entre vizinhos. As relações humanas são riqueza sem medida. Os intrusos miram-se de esguelha, até se esclarecer a sua presença. «Lisboa tem destas coisas.» Alice conhece a cidade como ninguém. «Julgava eu que sim, mas não! Vou sempre de surpresa em surpresa.»

Contornamos o Jardim Constantino, «o único com o nome do jardineiro que dele cuidava». A «pátria dos eletrodomésticos» fica um pouco adiante. «Nasci nestas

bandas da Almirante Reis, freguesia de Arroios, pois então?!» Olhamos em direção ao Martim Moniz. Recorda-se a história da Rua da Palma (do Cavaleiro). Existiu um cavaleiro alemão, que ajudava D. Afonso Henriques a conquistar Lisboa. Conta-se que nasceu uma palmeira no lugar onde morreu. Mas de tal palmeira nem rasto. Os ossos do cavaleiro repousam na Igreja de São Vicente de Fora, para onde foram, também, os da mãe de Santo António.

Terra de figos

Vá de subir por Lisboa das sete colinas. Tarde outonal, 18 graus. Céu descoberto. «O que uma pessoa vê da Igreja da Penha de França! Praça de Londres, o Ministério do Trabalho, Amoreiras, a Caixa Geral de Depósitos. Casario da parte nova. E muitas das desgraças que se têm feito por aí... Dá vontade de pegar numa maquineta e aparar alguns monstrosinhos.» Terra de figos, pomares e olivais, a da Graça. Hortas nos morros. Ainda.

Com dois acessos, lá está o Estrela de Ouro. Casas que serviram de cenário a filmes portugueses antigos. Estrelinhas em todos os passeios. Mação de gema, foi o senhor Agapito da confeitaria quem mandou erguer o bairro; ele próprio o habitava, na Vila Rosalina, coberta de buganvílias, agora lar da terceira idade. Ali construiu o já defunto Cinema Royal.

«Quem são estas?», interrogam-se moradores ciosos da sua privacidade, afagando duas crianças gémeas. Uma senhora ajeita a cortina de renda para que nenhum estranho se atreva.

Azulejos raros, escapados ao camartelo, adornam prédios a eito. Que a Senhora do Monte os salve! Senhora do Monte, um dos mais espantosos miradouros da capital. «O Castelo, acolá. Quase se adivinha a estratégia para a tomada de Lisboa», observa Alice. E mostra-nos a capela do século XII, onde se «guarda a sete chaves» a cadeira do mártir São Gens, primeiro bispo da cidade. O senhor Francisco cuida da igreja há um ano. Cordialmente, franqueia-nos o «tesouro» embutido em pedra. Reza a lenda que a cadeira de Gens se tornara milagrosa, garante de bom parto às mulheres que nela descansassem. Um corruptio: as rainhas grávidas iam receber as graças de São Gens no recatado santuário, que alberga um presépio de Machado de Castro.

Voltamos ao miradouro. Há casamentos todo o santo dia! E gente a espriar o

olhar pelo antigo Convento da Graça. Leva-o mais longe, ao róseo Hospital de São José e à Igreja da Senhora da Saúde. Ou mais longe, mais longe ainda, até à cúpula da Basílica da Estrela, que domina Lisboa.

Corações ao alto, viandantes! Cá temos a porta verde de Vila Sousa. Podem admirar-se vestígios da escadaria nobre. Estuques de reais adornos. Um lampião rente às cordas da roupa. Falares de gente que se habituou a viver como em colmeia. Todos se entreajudam.

Soalheiro, defronte, o Jardim Augusto Gil (vulgo Jardim da Graça). Em redor, o Botequim criado por Natália Correia, ponto de encontro dos homens da cultura. Perto o Pátio do Barbosa. Filmadas ali muitas cenas de *Telhados de Vidro*. O brasão do senhor da Trofa a pontificar. Plantas a rodos. Um poço. Móveis velhos na rua que não é rua, antes uma espécie de corredor íntimo entre as duas filas de casas, com estendais de camisas e lençóis a ladear uma branca almofada bordada à mão.

Do Miradouro da Graça se devia entender Lisboa — dizia Norberto Araújo. Com razão. Degrau a degrau se chega a toda a Lisboa. Querem ir descer o «caracol» da Graça? Andem daí à Mouraria. Querem ir ao «caracol» da Pena? Lançamos o desafio para recordar os enredos de Camões. Venham também ao Castelo. Podemos evocar a leitura d'*Os Lusíadas* a D. Sebastião no Paço da Alcáçova, onde Camões acabaria a implorar a tença. Do paço restam cinco arcos da Casa Ogival, que tudo levou o terramoto de 1755.

História e lendas

Esta Lisboa. De história e lendas. De lendas que ganham estatuto de história. Lisboa de políticos e tramas. Lisboa de poetas e romancistas e pintores. De Almeida Garrett no Pátio do Pimenta (nº 13 da Rua do Ataíde), junto ao desaparecido Miradouro das Chagas a inspirar-se no Tejo para as suas *Folhas Caídas*. E não foi na Rua do Alecrim que escreveu a maior parte das *Viagens na Minha Terra*?

Lisboa de Herculano, de Castilho, de Bocage. Lisboa das personagens de Eça de Queirós, que merecia mais desta cidade. Lisboa do Chiado. De João de Deus. De Antero. De Cesário Verde esquecido na Rua dos Fanqueiros e do Salitre; esquecido na Madragoa. Um busto na Praça da Ilha do Faial. Lisboa de Fernando

Pessoa a saltitar de rua em rua, de café em café. Lisboa de Mário de Sá-Carneiro, com lápide na Rua da Conceição, assinalando a sua casa natal. «E onde está a avenida que deveria homenagear Fernão Vieira?», pergunta Alice Vieira.

Lisboa das tertúlias. Da guitarra. Do romantismo. Das aldeias operárias. Dos museus e teatros. Das feiras. Das procissões. Das marchas. Dos elevadores e do grande aqueduto. Lisboa do desassossego na linha sísmica dos nossos medos. Lisboa a deambular sobre a cidade romana. Capital de muitos sonhos e paixões. Lisboa de velhos e novos fados, desde as Escadinhas da Achada ao Padrão dos Descobrimentos.

Ora, então, rumo ao Beato. Tome nota: Museu do Azulejo. Mais a Igreja da Madre de Deus no itinerário. Terra do Cais dos Duques, agora Rua do Grilo, onde nasceu Carlos Pinhão, que os antigos moradores recordam saudosamente: «Era um amigo, um grande homem. A senhora escritora esteve aqui com ele, não esteve?», averiguam três residentes no Pátio da Quintinha.

Alice Vieira traz à lembrança a visita que fizera ao Beato na companhia do autor de *Vovô Bicho*. Quando apanharam um táxi de regresso a casa, Carlos Pinhão pediu assim: «Leve-nos a Lisboa, por favor.» Porque Beato da sua memória era essa outra terra rural, a enxotar as águas do Tejo e as fragatas para conquistar terreno. Terra onde nasceram fábricas de moagem, algodões, cigarros, fósforos, sabões, cortiça e licores. Armazéns de vinho. E os bairros dos operários, em casas geminadas, autênticos cortiços invioláveis. Vila Flamiano. Vila Dias. Muitas vilas.

A Expo'98 está de olhos postos nesta zona oriental da cidade, que parece, hoje, o sítio onde Lisboa vai morrer. Cais abandonados. Fábricas desativadas. Portões fechados, degradados, da Rua do Açúcar ao Poço do Bispo das afamadas anedotas. Toda aquela gente espera por melhores estruturas, que devolvam ao Beato, a Xabregas, o dinamismo desejado.

Pensam que terminámos? Fôlego para um pulo às igrejas da Conceição Velha e de São Roque, à rara joia que é a capela de São João Baptista. Alice Vieira sublinha que o Bairro Alto nasceu — imaginem! — à volta da igreja, com os Jesuítas, no século XVI. «Além disso, é onde se consegue apanhar um canalizador ao domingo. Os moradores conhecem-se uns aos outros e não há vida noturna que lhes altere o carácter. Até os *noviços* estilistas recorrem ao

eletricista do bairro.»

Jardins de gente

Demandamos o Príncipe Real. Recordá-se o *atelier* de Raquel Roque Gameiro. Paragem, entretanto, no Jardim de São Pedro de Alcântara, que na realidade se chama António Nobre. Jardins desta Lisboa ninguém os conhece pelo verdadeiro nome. A Praça da Alegria, por exemplo, é o Jardim Alfredo Keil. E o dos Anjos tem por *batismo* António Feijó. Praça das Flores: Jardim Fialho de Almeida. Campo Grande: Jardim Marquês de Marialva. O Jardim das Amoreiras é o de Marcelino Mesquita. O da Estrela tem a graça de Guerra Junqueiro. E o Príncipe Real? Isso mesmo: Jardim França Borges.

Alice Vieira sugere: «Para conhecer Lisboa há que palmilhar muitos quilómetros.» Tudo bem. Depois, basta dar aos pezinhos um banho de água quente salgada e curar umas pequenas bolhas. Foi o que fizemos.

Esta Lisboa vale a caminhada. E o olhar.

© MARIA AUGUSTA SILVA